

POLÍTICA

INVESTIGAÇÕES

Fantasma de CPI ronda a Petrobras

O senador Romeu Tuma já dispõe de 35 assinaturas para pedir a abertura da comissão parlamentar

RICARDO REGO MONTEIRO
RIO

O fantasma de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) começa a atormentar a vida da diretoria da **Petrobras**, nos últimos meses alvo de intenso jogo de barganha que tomou conta da Praça dos Três Poderes, em Brasília. Disposto a emplacar seu filho no topo do aparelho estatal, o senador Romeu Tuma (SP), recém-transferido para o PMDB, já dispõe de 35 assinaturas para dar entrada no requerimento de abertura de uma CPI com alto potencial corrosivo, segundo avaliações da própria empresa e da base do governo no Senado.

Além de derreter as ações da petroleira negociadas na Bolsa de Nova York, teme-se que uma investigação possa paralisar de vez o já tortuoso Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Responsável por 50% do

PAC, a Petrobras se veria em meio a um contrangimento capaz de intimidar qualquer diretor ou gerente a assinar uma ordem de pagamento a empreiteiras ou prestadores de serviços. “Nenhum funcionário de estatal é louco de assinar uma ordem de pagamento ou contrato em meio a uma CPI”, afirma um senador da base do governo, preocupado com possíveis estragos causados por uma investigação parlamentar a uma empresa responsável por mais de US\$ 100 bilhões no período 2008-2012.

Para instalar uma CPI no Senado, são necessárias 27 assinaturas. Segundo o senador da base aliada, Tuma já dispõe de oito além do número mínimo. A intenção seria investigar os contratos de construção das plataformas P-52 e P-54, a licitação para construção dos petroleiros da **Transpetro**, a subsidiária de logística da estatal, além da aquisição da **Suzano Petroquímica** por US\$ 1 bilhão acima do valor de mercado.

Para consumo externo, Tuma

argumenta que a CPI teria por objetivo aumentar a transparência dos negócios da companhia. No Senado, no entanto, não esconde a intenção de emplacar o ex-deputado Róbson Tuma, seu filho, para algum cargo em estatais. O senador já emplacou o filho mais velho, Romeu Tuma



Romeu Tuma

Júnior (PPS-SP), para a Secretaria Nacional de Justiça. Conforme senadores da base governista, agora pretende usar a influência junto ao presidente Lula para ajudar o outro filho, que encontra-se sem mandato desde as eleições do ano passado.

A favor do governo pesa o fato de Tuma ter sacramentado dias atrás sua ida para um partido da base aliada (PMDB). Tanto que o senador Demóstenes Torres (DEM-GO), que assinou o pedido de CPI, não esconde a preocupação com o destino do requerimento de abertura. O problema, lembra, é que as assinaturas pertencem ao parlamentar, e não ao partido. Assim, caberá ao próprio Tuma dar seqüência à CPI.

O senador Romeu Tuma foi procurado por este jornal, mas até o fechamento desta edição não havia sido encontrado.

Como pondera o senador da base aliada, a entrada no PMDB não representa um alinhamento irrestrito com o governo. “O compromisso com interesses particulares e paroquiais fala mais alto do que a filiação partidária”, diz o senador, ao lembrar que a CPI reforçaria o coro dos descontentes com o Planalto por cargos na própria Petrobras.

Isso surge no momento em que prevalece a posição da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, na disputa pelos cargos. Nos últimos dias, teriam se fortalecido os diretores de Abastecimento, Paulo Roberto Costa, e da Área Internacional, Nestor Cerveró, principais alvos do PMDB da Câmara. Costa e Cerveró não devem mais deixar seus postos, respectivamente, para Alan Kardec, ex-gerente da própria área de Abastecimento, e José Augusto Fernandes, apadrinhado do presidente do PMDB, o deputado Michel Temer (SP).